

OS VITRAIS DE ALENCASTRE E A VITÓRIA SOBRE O TEMPO

Existe em Lancaster, na Inglaterra, uma oficina que já vem dos tempos de João de Gand, duque de Alencastre, pai de D. Filipa, que casou com o Mestre da Avis e deu ao Mundo a «inclita Geração dos Altos Infantes». Nessa oficina os irmãos J. E. H. e C. R. Abbott, com alguns oficiais de seu officio, cuidadosamente escolhidos e formados por eles, dedicam a sua vida à indústria dos vitrais. Assim, desde o século XV, geração após geração, a indústria dos vitrais se tem mantido, num ambiente medieval, numa ruela estreita daquela cidadezinha tão carregada de história.

O aspecto da oficina, o ferramental (exceptuando o forno a carvão de madeira que foi substituído por um forno moderno a gás), a produção, tudo, enfim, mantém o carácter medieval e leva a crer que se o grande João de Gand ali entrasse agora, para encomendar vitrais para alguma nova catedral, não estranharia o ambiente.

E assim, no meio da grande revolução atómica dos nossos dias, alheios às guerras, aos bombardeamentos aéreos e a todas as inovações que surgem dia a dia, os irmãos Abbott e os seus colaboradores, com uma paciência e constância de verdadeiros beneditinos medievos, continuam cortando, ajustando, ligando, pintando o vidro, para o levar ao fogo e voltar a pintar e dar ao fogo, em centenas de bocados, uns maiores, outros menores, para adornar as janelas de catedrais de todo o Mundo — porque os irmãos Abbott exportam para todo o Mundo.

É evidente que as divisas que entram no país graças às exportações de vitrais não pesam nas estatísticas, à beira das exportações de automóveis, aviões ou navios; mas séculos antes dos navios andarem sem remos contra o vento e de se sonhar com carros sem cavalos ou com piqueniques na Lua, já a oficina de Lancaster exportava vitrais. E os arquivos lá estão a atestar esta certeza. Ainda hoje é possível refazer naquela oficina um vitral que tenha sido destruído mas que lá tivesse sido feito.